



Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidade
CURSO DE HISTÓRIA

A INDEPENDÊNCIA DO HAITI: 1789-1804
EM UMA VISÃO NÃO-EUROCÊNTRICA
REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO DAS MEDIDAS
REVOLUCIONÁRIAS NA COLÔNIA

VICTOR HUGO SANTOS CARDOSO BORBA

DUQUE DE CAXIAS

2019

VICTOR HUGO SANTOS CARDOSO BORBA

INDEPENDÊNCIA DO HAITI: 1789-1804
EM UMA VISÃO NÃO-EUROCÊNTRICA
REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO DAS MEDIDAS REVOLUCIONÁRIAS NA
COLÔNIA

Monografia apresentada ao Prof. Jansen Racco,
Como requisito parcial para a elaboração do Trabalho
de Conclusão de Curso da graduação
em História, tendo como
orientadora de conteúdo a Prof. Maria Eugênia

UNIGRANRIO
DUQUE DE CAXIAS

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

B726i Borba, Victor Hugo Santos Cardoso.
A independência do Haiti: 1789-1804 em uma visão não-eurocêntrica: reflexão sobre o impacto das medidas revolucionárias na colônia / Victor Hugo Santos Cardoso Borba. – Duque de Caxias, 2019.
19 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Duque de Caxias, 2019.
“Orientador: Prof. Jansen Racco”.
Referências: f. 19.

1. História. 2. Haiti – História – Revolução, 1791-1804. 3. Revolução francesa. I. Racco, Jansen. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy. III. Título.

CDD – 900

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. CAP. 1 – O CARIBE.....	5
3. CAP 2 – CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA NA COLONIA DE SÃO DOMINGOS.....	9
4. O PRIMEIRO LEVANTE – 22 DE AGOSTO DE 1791.....	11
5. A DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO.....	14
6. CONCLUSÃO.....	18
7. REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

Para introduzir uma proposta de crítica à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o cenário da Revolução de São Domingos é o melhor local para ser usado como um exemplo a ser analisado e pensado. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão é um documento da Revolução Francesa que defendia os direitos individuais de cada cidadão dentro das dependências do Império, portanto, em sua colônia no Caribe que diga-se de passagem era a colônia mais lucrativa sob seus domínios, culminou entre seus cidadãos do povo negro livre um sentimento de esquecimento da Metrópole para com a Colônia, uma vez que seus colonos donos de terra não respeitavam esse direito garantido pelo atual governo Francês. A burguesia negra da colônia, em sua grande maioria, a princípio não se manifestavam contra o Império com medo de perderem seus privilégios, que também eram garantidos na legislação revolucionária posta em prática no ano de 1789 no pós-revolução, porém devido a esse processo de inferiorização dos afro-americanos ainda que fossem considerados da mesma classe social, os burgueses brancos franceses não os consideravam como tais. No livro *“Haiti: cultura, poder e desenvolvimento”* de Marcelo Grondim que é referência bibliográfica para este trabalho, nos mostra que a grande burguesia branca da colônia apoiava os revolucionários, porém apesar de trazer mais autonomia à eles, havia um descontentamento e isso começou a fomentar um desejo de independência entre a burguesia branca, enquanto entre os negros apenas alguns tiveram coragem de se posicionar e exigir seus direitos políticos na colônia.

No campo, entre os escravos o sentimento revolucionário já existe inerente ao desejo de escapar, porém, nada podiam fazer a não ser seguir os quilombolas em seus levantes e planos de retaliação. Nos Quilombos, um movimento já se tomava forma, os líderes religiosos incentivavam, não pelos direitos apenas, mas sim também pela liberdade de seu povo que era explorado por todas as Américas. O primeiro processo de independência de um país negro se iniciava apenas para reivindicar aquilo que os franceses presavam, Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Para quem?

CAPITULO I

O CARIBE

Inicialmente, para contemplar todo o assunto que envolve a luta pela Independência do Haiti, senti a necessidade de comentar sobre a região na qual se situa esta nação, que uma vez fora chamada de ilha de São Domingos, enquanto colônia da França.

O Caribe nos tempos do colonialismo era uma região muito visada pelos países europeus, um conjunto de vinte e sete ilhas principais e quatro territórios. À primeira vista, pode-se perceber certas características em comum destes territórios, embora seja suficiente para considerar o Caribe um conjunto, este conjunto é muito mais heterogêneo que homogêneo. Com exceção das três Guianas e Belize, os outros territórios são ilhas esparsas num mar de beleza singular no mundo. Estas ilhas foram originalmente habitadas por povos autóctones vindos do continente há aproximadamente doze mil anos, porém com a expansão marítima europeia estes povos enfrentaram um dos maiores genocídios da história, com o extermínio quase total de sua população em menos de cinquenta anos. O desaparecimento destes povos devido à doenças trazidas da Europa pelos colonizadores e ao árduo trabalho escravo imposto pelos mesmos, obrigou os colonialistas a buscarem a mão de obra africana como uma alternativa desde o início do século XVI. A escravidão no Caribe foi um método tão utilizado que com exceção do continente africano, o Caribe atualmente comporta a maior concentração da população negra no mundo, chegando a aproximadamente vinte e quatro milhões de pessoas.

Outro fato que as ilhas caribenhas tem em comum é o sistema econômico implantado pelos colonizadores, o capital girava em torno de grandes plantações, embora fossem de diversos tipos. O sistema de plantação e o trabalho escravo foram utilizados por muitos séculos, juntamente com o fato de que muitas regiões ainda permaneciam sendo colônias até o século XX (com poucas exceções, diga-se de passagem).

É de suma importância levar em consideração as condições de trabalho que o escravo era submetido, é sabido por todos as grandes atrocidades que os europeus causaram ao povo africano, e na colonização do Caribe não foi diferente. Os escravos eram despojados de sua própria pessoa, dos meios de produção que utilizavam e do produto que produzia para alimentar as grandes metrópoles, que nunca tinham ouvido falar, nunca visto ou pisado. Eram sistematicamente limitados até em sua comunicação, pois os escravistas para evitar

um levante, uma rebelião, misturavam os escravos oriundos de várias regiões da África, uma vez que é o continente mais multicultural do mundo conhecido naquele tempo. Dos africanos fora tirado de si seu lar, sua cultura e seu povo, como uma tática de enfraquecimento do espírito humano, para que não se motivem a lutar pela sua liberdade. Porém, como veremos mais para frente nesta pesquisa, não era algo assim tão simples quanto se pensavam os escravistas, homogeneizados como negros pelos brancos, apegaram-se à sua cor, pois dela não poderiam ser despojados e utilizaram disso como um artifício para a união diante dos exploradores (homogeneizados por eles como brancos) que misturaram os diferentes povos do continente africano.

As Ilhas do Caribe são muito diferentes umas das outras tanto étnica e racialmente quanto culturalmente por causa dessa mistura de povos africanos. Essas pessoas chegavam às colônias procedentes de sociedades totalmente diversas, já nas cidades portuárias da África, os escravos eram repartidos e misturados de acordo com as limitações habitacionais e com as exigências mercantis.

O controle da Inglaterra no século XVIII acrescentou à venda de escravos mais um intermédio e introduziu uma nova etapa de repartição desses povos. E além disso, os navios negreiros não vendiam toda sua carga numa mesma ilha, iam de ilha em ilha alimentando mais ainda o mercado de escravos na região, por isso a grande pluralidade cultural africana na região caribenha.

O Caribe pode ter muitas coisas em comum, embora suas diferenças superam essas características em comum e não definem só a especificidade de cada uma delas, mas também sua estrutura e vida concreta. O termo “Caribe” como uma forma sócio-econômica, política e mesmo geográfica não existe, o que existe são As Ilhas Caribenhas, essas ilhas são divididas geograficamente em dois grandes grupos: as Grandes Antilhas e as Pequenas Antilhas.

As Grandes Antilhas são formadas por quatro ilhas vizinhas, são elas: Cuba, Hispaniola (que se divide entre Haiti e República Dominicana), Jamaica e Porto Rico. Já as Pequenas Antilhas são vinte e três ilhas espalhadas que variam em extensão entre 1.779 km² (Ilha de Guadalupe e suas dependências) e 52 km² (Ilha de St John). (Referência: GRONDIM, Marcelo: *“Haiti: Cultura, Poder e Desenvolvimento”*)

O Caribe é mais que um conjunto de ilhas, é um conjunto de ilhas isoladas umas das outras, isoladas pois a comunicação no prelúdio da colonização era muito complicado entre as ilhas, uma vez que eram separadas por um mar de navegação difícil, algo que favoreceu à lendária pirataria, que tinha como principal atividade o contrabando e o comércio marítimo, com isso o mar caribenho se tornou o seu principal centro de atividade, mitos como os piratas Barba Negra e Henry Avery foram criados naquele contexto histórico. O tráfego marítimo era intenso no mar caribenho, muitos navegadores experientes foram contratados para travar guerras marítimas entre as colônias, foram chamados *corsários* aqueles que lutaram pela Inglaterra na Guerra Anglo-Espalhola (1585-1605). A busca por influência e poder econômico nas ilhas era principalmente protagonizado por essas duas nações europeias.

A história de cada ilha é muito particular, nesta pesquisa iremos abordar mais a história da independência de uma delas. O controle absoluto da Espanha sobre o Caribe durou apenas algumas décadas, no século XVI houve a chegada de outras nações colonizadoras, como: França, Holanda, Inglaterra e posteriormente, Estados Unidos, algo que ocasionou uma colonização muito diversificada também. A forma com que cada metrópole geriu sua colônia deixou marcas profundas que são notadas até hoje, como sua forma de administração, exploração, duração da colônia, formas de emancipação e supressão de revoltas. Disto derivam os nomes: Antilhas Espanholas, Antilhas Inglesas, Antilhas Holandesas e Antilhas Francesas, onde a língua oficial é a mesma da metrópole, símbolo da influência cultural transmitida pelos colonizadores.

Embora as ilhas do Caribe tenham em comum o fato de terem sido primeiramente colonizadas como terras para plantação de cana-de-açúcar, produto que transformou a colônia de São Domingos (posteriormente Haiti) na região mais produtiva deste produto no mundo, produzindo cerca de 40% da cana-de-açúcar mundial. Era “a colônia de ouro” da França. Apesar disso, suas formas de produção variavam de acordo com a necessidade do mercado e dos próprios donos de terra. Majoritariamente, depois do sistema colonial, escravista e mercantil, o sistema de produção capitalista, estruturado basicamente em torno de uma pequena classe de grandes produtores agrícolas, comerciantes industriais e pequenos produtores rurais.

Politicamente falando, as ilhas também conheceram uma evolução diferente, algumas conquistaram sua independência por iniciativa própria, como é o caso do Haiti e República Dominicana que as mantêm até hoje, o caso de Cuba e Porto Rico foi o jugo

colonial, onde as duas colônias se juntaram, apesar de Porto Rico se libertou definitivamente de Cuba. Muitas outras conquistaram sua independência de forma não violenta, diferente das outras, pela pressão exercida internamente na colônia e por consentimento da metrópole. Infelizmente, algumas ilhas ainda são consideradas colônias ou anexos da metrópole, como é o caso de Guadalupe e Martinica.

Contudo, as diferenças e semelhanças entre as ilhas dizem muito da força de união do povo africano trazido à força pelos mercadores de escravos. É notável o seu poder de reorganização societária, integrando diferentes formações de alguns elementos remanescentes da África. (Referência: GRONDIM, Marcelo: *“Haiti: Cultura, Poder e Desenvolvimento”*)

ILHA DE HISPANIOLA



- **HAITI:** Dominação do Império Colonial Francês, considerada em 1789 como a colônia mais rentável da França, produzindo aproximadamente 40% da cana de açúcar do mundo.
- **República Dominicana:** Dominação colonial espanhola, ponto de chegada de Cristóvão Colombo em sua expedição marítima no ano de 1492.

Fonte: “Divisão política de São Domingos”
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_S%C3%A3o_Domingos#/media/Ficheiro:La_Espa%C3%B1ola.svg. (Acesso em 22 de Outubro de 2020, 18H)

CAPÍTULO II

CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA NA COLÔNIA DE SÃO DOMINGOS

“*Liberté, Egalité, Fraternité*” o lema da Revolução Francesa representa o grito dos ativistas em prol da democracia liberal e da derrubada do regime absolutista que assolava a França. Dessa ideologia que pregava a igualdade e liberdade entre os homens, muitas legislações foram impostas no novo regime vigente pós-revolução, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, inspirada nos pensamentos iluministas, bem como na Revolução Americana (1776), aprovada em 26 de Agosto de 1789 é um documento que entra em vigor na França revolucionária, que define os direitos individuais e coletivos dos homens livres. O documento é composto por 17 artigos, porém, para contextualizar no tema sugerido analisaremos apenas o primeiro, que diz: “*Art.1.º Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum;*”.

Antes de discorrer sobre a influência deste conjunto de leis nas colônias, mais especificamente na colônia de São Domingos, primeiro deve-se levar em consideração que nesta colônia haviam alguns “*negros ricos*” denominado **mulatos** pelos fazendeiros, em sua maioria eram filhos destes mesmos fazendeiros que recebiam treinamento e educação militar, homens negros que nasceram livres que faziam parte da elite local, ou ex-escravos que por alguma eventualidade conquistaram sua liberdade. Após a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão entrar em vigor, boatos de independência já pairavam sobre a colônia, os fazendeiros locais ressentiam as limitações econômicas impostas pela nova gestão revolucionária, o que significou ainda mais exploração dos escravos e das terras.

“*Os homens nascem e são livres e iguais em direitos...*” há controvérsias nesta frase do artigo 1 da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, pois naquele contexto histórico os escravos eram considerados mercadoria, por isso não contemplavam o grupo beneficiado por essa lei, isso segundo os franceses. Como podem se libertar do regime absolutista que oprimia a população e se aproveitava da miséria, se continuavam a oprimir e a explorar os homens

escravizados? O contexto histórico da época pode justificar essa atitude da França revolucionária hoje em dia, porém na época isso causou um grande incômodo aos “mulatos” que começaram a exigir esses direitos na colônia, isso futuramente ameaçaria a autoridade dos colonizadores brancos e seu monopólio comercial da região.

Em 1790 um homem negro e rico, considerado um mulato, membro da elite de São Domingos exige aos fazendeiros o direito ao voto. Seu nome era Vicent Ogé Jeune (1757-1791), e esse direito o foi negado, com isso uma pequena revolta se estabelece, e apesar de ser facilmente suprimida pelo poderio dos fazendeiros, uma vez que apesar de ser um dos mais ricos da ilha, sua posição no movimento exigindo os direitos políticos aos negros livres era fundamental, a maioria da elite negra da ilha era mais conservadora, pois tinham medo de perder seus privilégios ao se colocarem contra a elite branca. Ogé compôs um movimento de homens livres em 1790 exigindo à Assembleia Nacional Francesa o fim das leis racistas e o direito dos homens livres negros de votarem nas assembleias locais de São Domingos, através dos próprios representantes, esse era apenas o prelúdio do que viria a ser um dos eventos mais importantes da Era do Colonialismo.



Fonte: [https://alchetron.com/Vincent-](https://alchetron.com/Vincent-Og%C3%A9)

[Og%C3%A9](https://alchetron.com/Vincent-Og%C3%A9). (Acesso em: 23 de Outubro 2020, 14H)

Vicent Ogé Jeune viajara pelo mundo, passando por Estados Unidos, Inglaterra e por fim França, entrando em contato com políticos abolicionistas em busca de uma solução para as leis escravocratas vigentes em sua terra natal, acusado de desafiar a autoridade local, Ogé é capturado, interrogado e executado em 1791, se tornando símbolo de resistência negra entre sua classe e entre os escravos.

O PRIMEIRO LEVANTE

22 DE AGOSTO DE 1791

Após a morte de Vicent Ogé, houveram alguns conflitos isolados entre os escravos e os fazendeiros brancos que procuravam reprimir qualquer resquício abolicionista entre os escravos. De forma que a população escrava era muito mais densa que a dos colonizadores brancos, era só questão de união dos quilombos para que os escravos superassem os brancos em contingente, e em 14 de Agosto de 1791 durante uma cerimônia religiosa em Bois Caiman é dado o sinal para iniciar o primeiro levante escravo na colônia por Dutty Boukman, alto sacerdote do Vodou e líder dos escravos de quilombos.

Assumindo grande parte do norte da ilha, os escravos se vingaram dos fazendeiros, que se encontravam no momento da eclosão da revolta isolados em pequenas fortificações. Os escravos pilharam as terras, torturaram e mataram seus mestres, e apesar de terem como se defender, não esperavam um número tão grande pelo lado dos escravos, chegando à aproximadamente 100 mil revoltosos em busca de sua liberdade. Os escravos executaram 4.000 mil brancos e queimaram mais de 180 engenhos de açúcar, e mais de centenas de plantações de café e trigo.

Em 1792 os escravos já controlavam grande parte da ilha, atingiram tanta notoriedade que a Assembleia Legislativa Francesa se viu obrigada a despachar 6.000 mil soldados do exército francês à ilha, e conceder direitos políticos e civis a homens negros livres na colônia, haviam atingido parte do objetivo de Ogé, porém a cobiçada abolição da escravidão na ilha demoraria alguns anos para ser conquistada.

Esses acontecimentos deixaram a colônia enfraquecida, economicamente e desorganizada politicamente, ainda não se falava de independência entre os

negros escravos e nem entre a elite negra, esse enfraquecimento da ilha deu a oportunidade perfeita para que ingleses e espanhóis tentassem conquistar a colônia mais rentável do Império Colonial Francês. (Referência: C.L.R, James, *“Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos”*)

Os ataques a São Domingos são justificados pela instabilidade da colônia, neste ponto os escravos e africanos libertos já se organizam entre si, porém espalhados, os quilombos têm sua forma de luta e revolução, já a elite negra começa a cogitar tomar frentes diferentes, tanto que diversos membros dessa elite burguesa ganham cargos militares importantes dados pela Inglaterra e pela Espanha para lutar ao lado deles na conquista da colônia francesa. E a França de Napoleão Bonaparte se encontra ocupada demais com as guerras napoleônicas no Velho Continente, despachando apenas alguns soldados para a ilha, afim de mandar uma mensagem aos outros impérios de que, a França ainda domina aquele território e um ataque a ele seria um ataque à própria França, porém tanto a Inglaterra quanto a Espanha sabiam que a França não tinha o poder necessário para lutar em duas frentes, é nítido o desinteresse da metrópole para com a sua colônia e a ambição de Napoleão residia para a Europa.

No meio do conflito entre impérios, fora garantido a milhares de escravos sua liberdade em troca de sua força de luta, com isso a colônia era dividida entre escravos e burgueses negros que lutavam por um dos impérios, espanhol e inglês, um ansiando pela liberdade e o outro ansiando por mais privilégios políticos e econômicos, o que seria improvável de acontecer uma vez que nenhum europeu tinha a intenção de favorecer esse povo afro-americano.



Toussaint L'Ouverture por Pierre-Charles Baquoy.

Toussaint L'Ouverture, como um burguês de herança, que havia recebido treinamento militar em sua educação, tomou armas em favor dos ingleses no prelúdio dos conflitos. Havia um porém na situação de Toussaint, ele não era um homem de ir atrás apenas de interesse político numa guerra, desde a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que foi o que alimentou esse sentimento de independência na burguesia negra da colônia, Toussaint irá além e buscará apoiar os franceses enfraquecidos justamente para ganhar apoio da metrópole. Como uma pessoa influente entre os escravos, Toussaint além de também ser uma figura afro-americana importante para o seu povo, era um excelente estrategista que trouxe grande força para o lado Francês, sem o apoio dos escravos a Inglaterra e a Espanha não tiveram êxito em sua tomada e recuam suas forças.

É muito importante salientar nessa pesquisa que, os escravos eram o elemento decisivo nesse ponto, pois seu número era muito superior, ali já havia se tornado a terra deles, então a questão da independência foi só questão de tempo, durante esse tempo podemos perceber o crescimento desse sentimento dentro do povo negro, após Vicent Ogé e Toussaint L'Ouverture, homens que perceberam que ali eles deveriam garantir seu direito de liberdade, algo não planejado pelos

revolucionários franceses que ainda após publicar a Declaração continuavam a praticar o escravismo no povo africano. Nessa década de 90 do séc. XVIII a França tinha fomentado uma revolução de escravos que estava organizando sua independência, uma colônia poderosa que influenciou inclusive levantes de escravos no Brasil décadas depois. Vemos nisso como a História é relação e interação entre contexto e tempo-histórico.

A DECLARAÇÃO DE DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO



ART. 1.º
OS HOMENS NASCEM E SÃO LIVRES E IGUAIS EM DIREITOS. AS DISTINÇÕES SOCIAIS SÓ PODEM FUNDAMENTAR-SE NA UTILIDADE COMUM.

ART. 2.º
A FINALIDADE DE TODA ASSOCIAÇÃO POLÍTICA É A CONSERVAÇÃO DOS DIREITOS NATURAIS E IMPRESCRITÍVEIS DO HOMEM. ESSES DIREITOS SÃO A LIBERDADE, A PROPRIEDADE, A SEGURANÇA E A RESISTÊNCIA À OPRESSÃO.

ART. 3.º
O PRINCÍPIO DE TODA A SOBERANIA RESIDE, ESSENCIALMENTE, NA NAÇÃO. NENHUM CORPO, NENHUM INDIVÍDUO PODE EXERCER AUTORIDADE QUE DELA NÃO EMANE EXPRESSAMENTE.

ART. 4.º
A LIBERDADE CONSISTE EM PODER FAZER TUDO QUE NÃO PREJUDIQUE O PRÓXIMO: ASSIM, O EXERCÍCIO DOS DIREITOS NATURAIS DE CADA HOMEM NÃO TEM POR LIMITES SENÃO AQUELES QUE ASSEGURAM AOS OUTROS MEMBROS DA SOCIEDADE O GOZO DOS MESMOS DIREITOS. ESTES LIMITES APENAS PODEM SER DETERMINADOS PELA LEI.

ART. 5.º
A LEI PROÍBE SENÃO AS AÇÕES NOCIVAS À SOCIEDADE. TUDO QUE NÃO É VEDADO PELA LEI NÃO PODE SER OBSTADO E NINGUÉM PODE SER CONSTRANGIDO A FAZER O QUE ELA NÃO ORDENE.

Fonte: <https://athena-xxi.blogspot.com/2017/01/declaracao-dos-direitos-do-homem-e-do.html>

Na imagem acima vemos apenas os cinco primeiros artigos deste documento, todavia, são dezessete no total. Artigos votados e aprovados pela Assembleia Nacional Constituinte dos revolucionários em 1789, inspirados por ideais libertários esse documento garantia os direitos naturais do homem em qualquer lugar que seja domínio do Império Colonial Francês, entre outros tópicos importantes para a harmonia social desses domínios.

O que os revolucionários não esperavam era que, logo no Art.2º a luta dos afro-americanos de São Domingos já era legitimada, pois nele dizia “*A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a **RESISTÊNCIA À OPRESSÃO***”. É preciso pontuar que, no momento em que entra em vigência esse documento não se falava em revolução e nem em independência na colônia, tendo em vista que o primeiro levante tenha acontecido em 1791 por um motivo que não fora A Declaração em si, mas sim o que ela despertou em alguns membros da burguesia negra, que inspirados pelos revolucionários e pelas leis vigentes no documento começaram a nutrir esse sentimento de pertencimento e também orgulho do povo negro, um orgulho que puderam voltar a sentir após um longo processo de homogeneização da cultura africana, a luta pela colônia era então uma luta pela independência africana na América.

Este documento reconhece o direito de resistir à tirania e à opressão, o direito à igualdade jurídica e o direito à propriedade e à liberdade, dentre os 17 artigos resumidamente. A burguesia negra (segundo registros históricos e referências como no livro do historiador C.R.L James de Trinidad e Tobago “Os Jacobinos Negros”) já gozava de alguns direitos como à liberdade e à propriedade, porém, a participação política ainda era vetada pelos burgueses brancos, obviamente mais poderosos e influentes na colônia.

É importante atentar à reflexão do impacto de todo esse processo histórico na pré-revolução de São Domingos, e relacionar à teoria dos Direitos Naturais de John Locke, que fora uma das inspirações dos revolucionários na confecção desse conjunto de leis à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que inspirou os burgueses negros a tomar sua própria revolução pela liberdade, contra a opressão daqueles que em seu país combateram a tirania absolutista com êxito, contudo, ainda praticavam os mesmos costumes nos quais lutaram contra, esta é a hipocrisia da Revolução Francesa. Contudo, sabemos que mesmo sendo um período conturbado na França, pelo jogo de poder entre os jacobinos e girondinos os colonos resistiram aos levantes haitianos por anos, e o que marca o desinteresse pela colônia é o início das Guerras Napoleônicas em 1803, a atenção é voltada para As Guerras e o esforço pela paz na colônia é diminuído, para que enfim em 1804 se concretize a Declaração de Independência da Colônia de São Domingos, o Haiti.



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:D%C3%A9claration_des_droits_de_l'Homme_et_de_la_R%C3%A9volution_fran%C3%A7aise.jpg#/media/Ficheiro:D%C3%A9claration_des_droits_de_l'Homme_et_de_la_R%C3%A9volution_fran%C3%A7aise.jpg

Na imagem acima, analisando de perto podemos perceber que este símbolo do patriotismo revolucionário foi inspirado tanto nas ideias iluministas quanto no cristianismo. A imagem do anjo apontando para o Olho da Providência, representa a supervisão e aprovação de Deus sob os ideias de liberdade ali presentes, ideias esses representados ao lado com uma pessoa rompendo uma corrente ao meio, personificando a resistência do povo Francês à opressão do regime absolutista, a influência do cristianismo também fez com que o documento fosse semelhante aos Dez Mandamentos, isso mostra como a religiosidade era forte mesmo entre os revolucionários.

Foi um grande marco no mundo moderno, assinado em Versalhes em 26 de Agosto de 1789, é um dos documentos mais importantes para os Direitos Humanos e serviu de inspiração para uma segunda versão em 1793 e para a constituição francesa de 1848

durante a Segunda República Francesa. Na contemporaneidade este documento serviu de base para a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU e da atual constituição francesa. Foi algo impactante no mundo, era realmente revolucionário e moderno em seu contexto histórico, vide todo esse conjunto de documentos que o usaram como base e todos esses direitos concedidos à sociedade.

Em tempos de absolutismo poder ao povo era algo inimaginável, considerado um absurdo pela nobreza e o clero, e refletindo sobre todos esses artigos vigentes n'A Declaração, nota-se que facilmente a Assembleia Nacional Constituinte conseguiria apoio popular aprovando algo dessa natureza, era sobre a liberdade e os direitos fundamentais do homem de forma econômica, permitir que o exercício da cidadania fosse feito com a dignidade que uma sociedade moderna sonhava em ter, como diz no Art. 14.º: *“Todos os cidadãos têm direito de verificar, por si ou pelos seus representantes, da necessidade da contribuição pública, de consenti-la livremente, de observar o seu emprego e de lhe fixar a repartição, a coleta, a cobrança e a duração”*.

CONCLUSÃO

Para fins de finalizar esta reflexão, é importante reiterar que o Haiti foi a primeira nação-negra independente pós-colonial do mundo, e as ações dos personagens aqui citados, dos escravos e dos quilombolas refletiram pela América Latina, inspirando levantes de escravos desde os Estados Unidos até o Império do Brasil, como a Revolta dos Malês de 1835. Ali naquele contexto de tráfico de escravos, homogeneização do povo africano, exploração, tortura e processo de apagamento histórico que surgiu uma união de todo um povo, causando o efeito contrário às intenções dos europeus que tinham como objetivo enfraquecer o espírito humano desse povo, tendo assim uma submissão mais controlada.

A revolução haitiana teve mais um personagem importante em seu final, Jean-Jacques Dessalines que já tinha sido um escravo, liderou o exército rebelde em sua última batalha em 1803, com uma ajuda de um bloqueio naval feito pelo Império Britânico, impedindo que Napoleão enviasse reforços à ilha. No livro “A Era das Revoluções” de Hobbsbawm é dito como Napoleão se sentia frustrado por seus investimentos falhos no ocidente, sua atenção voltada para as Guerras Napoleônicas o fez ceder finalmente, e logo no primeiro dia de 1804 nasce a primeira nação independente advinda de uma revolução de escravos, contudo o Império Francês ainda manteve a prática do colonialismo e a prática da escravidão nas províncias caribenhas de Martinica e Guadalupe.

Contudo, os exploradores ainda tentaram tirar do Haiti uma última gota de sua riqueza, com embargos comerciais, taxas de indenização aos donos de escravo, algo que acabou com a economia desta república negra emergente na América Latina. Estados Unidos, França e Espanha trabalharam em conjunto para ver este processo longo de luta dos haitianos afundar, cruelmente planejaram atrasar o novo país economicamente, males que refletem até os dias de hoje, como uma nação com uma grande história de resistência a opressão, uma das províncias mais ricas do Caribe caiu no esquecimento? Fora projetado para este destino pelas grandes potências do mundo, digamos que por medo de acontecer o mesmo em suas colônias mundo afora, porém, não totalmente. Grandes autores como C.R.L James de Trinidad Tobago, que serviu de inspiração para esta pesquisa, estiveram em vida a missão de resgatar essa memória de uma nação advinda de uma rebelião de escravos, a legítima luta contra o opressor, que de seu lar os tirou, pois então que fizeram seu novo lar no Caribe.

REFERÊNCIAS

GRONDIN, Marcelo. *HAITI: cultura, poder e desenvolvimento*; ed. 104 - São Paulo: Brasiliense, 1984.

JAMES, C.R.L. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*; ed. 1 – São Paulo: Boitempo, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*; ed. 33 – Brasil: Paz e Terra, 2015.